



A INCLUSÃO DOS SURDOS NA EDUCAÇÃO E NA SOCIEDADE

CAMPOS¹, Leonardo; RODRIGUES², Bruno; SILVA³, Maria Elena Neves da

RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica buscou observar como foi e como está atualmente a inclusão dos surdos na educação e na sociedade brasileira, tendo o ensino como base da democracia na busca de superar as desigualdades sociais. Abordando a forma de comunicação por sinais, além de qualificar a destreza e cognição de deficientes auditivos, abrange portas para um outro patamar de linguagem a ponto de proporcionar um acesso a vida num todo, assim como o conhecimento do seu próprio ser. A língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno. Foi possível constatar, após as leituras realizadas que, no momento histórico em que vivemos é necessário que surdos e ouvintes quebrem as barreiras comunicativas, pois tem-se como princípio a inclusão social desses indivíduos na sociedade.

Palavras-chave: Língua; Inclusão; Educação;

1. Acadêmico do curso de Educação Física – Licenciatura da UNICRUZ – leoshucampos@hotmail.com
2. Acadêmico do curso de Educação Física – Licenciatura da UNICRUZ – brunonego99@hotmail.com
3. Professora da disciplina de LIBRAS, na UNICRUZ, Mestranda em Educação nas Ciências, na Universidade do Noroeste do Estado – UNIJUÍ.



INTRODUÇÃO

O presente Trabalho é resultado da pesquisa referente à inclusão dos surdos na educação brasileira e também no esporte, tendo como perspectiva os seus direitos e a sua inclusão, com enfoque no direito à educação.

A inclusão social dos surdos tem sido um tema utilizado, com frequência, na literatura especializada brasileira, tanto na área da educação básica, como na educação inclusiva, no que tange a sua inserção no ensino básico regular.

Portanto, tem-se o ensino como a base da democracia e o alicerce fundamental para a superação das desigualdades sociais. Por isso, é necessário que os espaços destinados ao ensino permitam o livre acesso a todos.

Mesmo com toda a importância que a educação possui na vida do homem e estando amparadas por lei, ainda, assim, várias pessoas não possuem as mesmas oportunidades de acesso a mesma. No meio escolar deparamo-nos com "uma grande parcela da população brasileira que ainda não tem acesso à educação, particularmente, os portadores de necessidades especiais" (DUARTE; COHEN, 2006).

Para a pessoa surda, o meio de comunicação utilizado pelo meio que a cerca, não se apresenta como um recurso que vem facilitar seu intercâmbio com o mundo, mas um obstáculo que precisa transpor com dificuldades para chegar ao mundo social de forma efetiva (CARDOSO, 2006).

Comparando-se as pessoas surdas e as que ouvem, verificam-se claramente suas particularidades, que são fundamentais na intervenção com pacientes surdos. Não é possível generalizar os surdos, como se todos fossem iguais, pois há diferenças em termos sensoriais e comunicativos (HINDLEY 1997).



REVISÃO DE LITERATURA

Representação histórica das pessoas com deficiência

A questão da deficiência está presente durante toda a história da humanidade, sendo as pessoas com deficiência discriminadas desde os primórdios da civilização, sendo que, na maioria das vezes foram retiradas do convívio social, por apresentarem alguma "anomalia"; por isso, eram descartadas para que se evitasse que outras pessoas fossem "contagiadas" pela sua doença (tratavam pessoas com deficiência, iguais aos doentes) (GUGEL, 2008).

Na antiguidade, entre os povos primitivos, o tratamento destinado às pessoas com deficiência assumiu dois aspectos principais: alguns os exterminavam por considerá-los um estorvo à sobrevivência do grupo e, outros, os protegiam e sustentavam, para buscar a simpatia dos deuses. Acreditava-se que as pessoas com deficiência não podiam ser educadas, pois eram consideradas como aberrações da natureza; portanto foram vários os períodos em que estas pessoas foram consideradas como incapazes, não podendo participar de qualquer tipo de vida "normal". Não havia nenhuma preocupação com a educação ou qualquer outra forma de socialização das pessoas com deficiência. (DILLI, 2010).

Nos anos 1960, surgem as primeiras organizações criadas pelos familiares das pessoas com deficiência, que também defendem as adequações da sociedade para que seja possível a integração das pessoas com deficiência. Já nos anos 1970, nos Estados Unidos, tem início a educação inclusiva e, durante os anos 1980 e 1990, com a Assembléia Geral das Nações Unidas, foi lançado o Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência, possibilitando que essas pessoas tivessem o direito à educação assegurado sempre que possível, (SASSAKI, 1997).

Foi na Palestina, em 1500 a. C, ainda no período do bronze recente, que ocorreram os primeiros registros de existência de surdos. A história antiga é



breve no que se refere à inserção do surdo na sociedade. O que se sabe é que os surdos sofriam discriminação e exclusão como qualquer pessoa que tivesse algum tipo de deficiência; apenas os povos hebreus e egípcios protegiam os surdos com leis. Skliar (*apud* PERLIN, 2002) faz uma abordagem sobre como eram exterminados os surdos, mencionando a história de Rômulo, fundador de Roma, que decretou, no século 753 a. C., “que todos os recém nascidos – até idade de três anos – que constituíam um peso potencial para o Estado, poderiam ser sacrificados”.

É importante ressaltar que não existe nada documentado com relação ao surgimento do surdo. A sua história pode acompanhar a trajetória da humanidade, mas isso nunca teremos certeza, visto que não há registros de quando surgiu o primeiro surdo, nem onde viveu; dados estes que se perderam no decorrer da história ou que a mesma não quis registrar. Mas, a partir dos primeiros registros, pode-se afirmar que a forma como eram tratados não os diferencia das pessoas com deficiência, visto que sempre foram discriminados, excluídos e depreciados como todas as pessoas com algum tipo de deficiência.

Linguagem e cognição pontos fundamentais para a inclusão

A linguagem é responsável pela regulação da atividade psíquica humana, pois é ela que permeia a estruturação dos processos cognitivos. Assim, é assumida como constitutiva do sujeito, pois possibilita interações fundamentais para a construção do conhecimento (VIGOTSKI, 2001).

O homem precisa da interação social e a linguagem é o meio primordial para isso ocorrer tanto sendo por gestos como pela própria fala.

A linguagem por sua vez é tida como tudo que envolve significação, que tem valor semiótico, não se restringindo apenas a uma forma de comunicação, e é nela que o pensamento do indivíduo é constituído (GOLDFELD, 1997).



Goldfeld, transparece neste trecho acima descrito por ele, que o ser humano possui um arsenal ilimitado de formas pelas quais o possibilita se comunicar em diferentes formas.

A língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno. Harrison (2000) refere que essa língua fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição de linguagem e de conhecimento de mundo e de si mesma.

A forma de comunicação por sinais, além de qualificar a destreza e cognição de deficientes auditivos, abrange portas para um outro patamar de linguagem a ponto de proporcionar um acesso a vida num todo, assim como o conhecimento do seu próprio ser.

A discussão sobre surdez, educação e língua de sinais vem sendo ampliada nos últimos anos por profissionais envolvidos com a educação de surdos, como também pela própria comunidade surda. Segundo Moura (2000), a educação e inserção social dos surdos constituem um sério problema, e muitos caminhos têm sido seguidos na busca de uma solução.

Neste sentido, Góes (1999) afirma que a língua de sinais será necessária para que haja condições mais propícias à expansão das relações interpessoais, constituindo o funcionamento cognitivo e afetivo, promovendo a constituição da subjetividade.

Segundo Kyle (1999), a língua de sinais é natural para o surdo, pois é adquirida de forma rápida e espontânea, por isso a criança surda precisa ter acesso à língua de sinais o mais cedo possível, antes mesmo do seu ingresso na escola. Daí a necessidade de a criança surda, filha de pais ouvintes, bem como de sua família terem contato com adultos surdos, usuários de língua de sinais.

Harrison (2000) refere que essa língua fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição de linguagem e de conhecimento de mundo e de si mesma.

As línguas de sinais estão presentes nos cinco continentes, mas não são universais, cada uma tem sua própria estrutura gramatical, sendo que com as



línguas de sinais é possível expressar qualquer conceito complexo, sutil ou abstrato. As línguas de sinais são um sistema lingüístico altamente estruturado e tão complexo como as línguas faladas, estruturando-se neurologicamente nas mesmas áreas cerebrais das línguas orais (BARBOSA,2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar, após as leituras realizadas que, no momento histórico em que vivemos é necessário que surdos e ouvintes vivam em harmonia, pois tem-se como princípio a inclusão social dos indivíduos na sociedade. E essa inserção social dos surdos passa pela própria escola a qual precisa de professores especializados nesta área a ponto de poder atender as necessidades de seus alunos deficientes adequadamente pois sem duvidas são os que mais sofrem com essa falta de especialização, pois abrigam um grande número de estudantes, acabando assim por fazer o próprio aluno deficiente pagar o "pato" com um ensino precário e desqualificado. Chegando a esse ponto colocamos como reflexão: a inclusão ou exclusão? Precisamos maior qualificação n área da educação.

As pesquisas sugerem principalmente as instituições acadêmicas, oportunizar estudos com questões referentes ao atendimento do paciente surdo, reconhecendo que estar diante de uma pessoa surda não implica apenas constatar um déficit auditivo, mas envolve também aspectos socioculturais e legais.

REFERÊNCIAS

ANAIS NUTAU 2006: **Demandas Sociais, Inovações Tecnológicas e a Cidade**. São Paulo, USP: 2006. ECA.



BARBOSA MA, Oliveira MA, Siqueira KM, Damas KCA, Prado MA. **Linguagem Brasileira de Sinais: um desafio para a assistência de enfermagem.**

RevEnferm UERJ. 2003

CARDOSO AH, Rodrigues KG, Bachion MM. **Perception of with severe or profound deafness about the communication process during health care.**

RevLatAmEnferm. 2006

DILLI, K.Silveira. **A inclusão do surdo na educação brasileira.** UFSC. Florianópolis,2010.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, R. **Proposta de Metodologia de Avaliação da Acessibilidade aos Espaços de Ensino Fundamental.** In:

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

GUGEL, Maria Aparecida. **Pessoa com deficiência e o Direito ao Concurso Público.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

HARRISON, K.M.P. **O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento.** In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000. p. 114-122

HINDLEY P. Psychiatric aspects of hearing impairments. J ChildPsycholPsychiatry. 1997.

KYLE, J. **O ambiente bilíngüe: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilingüismo para surdos.** In: SKLIAR, C. (Org.). Atualidades da educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MOURA, M.C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Disponível em <http://www.libras.ufsc.br/.Fundamentos%20da%20Educação%20de%20Surdos_Texto-Base.pdf>. Acesso em: 16 de Out. de 2010.



XIV
Seminário
Internacional
de Educação
no Mercosul

XI Seminário
Interinstitucional

II Curso de Práticas
Socioculturais Interdisciplinares

I Encontro Estadual
de Formação de Professores
"Conhecimento & Interdisciplinaridade"

8 a 11 de maio de 2012



SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001